



## Trabalho e economia solidária na formação identitária do Assentamento Florestan Fernandes

### Work and solidarity economy in the identity formation of the Florestan Fernandes Settlement

Página | 1398

Danilo Assunção da Silva<sup>1</sup>, Ricardo Oliveira da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Cursista do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: niloass@gmail.com

<sup>2</sup>Cursista do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: ricardo-rodrigues1@hotmail.com

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

**RESUMO:** A pesquisa teve como objetivo apresentar a importância do Trabalho e da economia solidária no processo de formação da identidade do Assentamento Florestan Fernandes, situado na localidade de Canindé de São Francisco, no Estado de Sergipe. Utilizou-se a história oral como método de pesquisa para compreender o trabalho realizado com os jovens do assentamento, visando desenvolver iniciativas de economia criativa e solidária, e a importância desse trabalho para o fortalecimento da identidade coletiva do assentamento e para a construção do protagonismo dos jovens assentados na comunidade e na condução da sua própria história. O artigo pretende contribuir para demonstrar a importância da história oral como método de pesquisa em história e para reafirmar a importância social dos assentamentos como espaços alternativos de organização e resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** História oral. Identidade coletiva. Assentamento.

**ABSTRACT:** This paper aimed to present the importance of Work and the solidarity economy in the process of forming the identity of the Florestan Fernandes Settlement, located in the Canindé de São Francisco, in the State of Sergipe. Oral history was used as a research method to understand the work carried out with the young people of the settlement, aiming to develop initiatives of creative and solidary economy, and the importance of this work for the strengthening of the collective identity of the settlement and for the construction of the protagonism of the settlers. young people based in the community and conducting their own history. The article aims to contribute to demonstrate the importance of oral history as a method of research in history and to reaffirm the social importance of settlements as alternative spaces of organization and resistance.

**KEYWORDS:** Oral history. Collective identity. Settlement.

## INTRODUÇÃO

Existem diferentes formas de se reconstituir a história de um grupo, apresentando as várias perspectivas envolvidas. Este artigo pretende apresentar a importância do Trabalho e da economia solidária no processo de formação da identidade do Assentamento Florestan Fernandes, localizado na localidade de Canindé de São Francisco, no estado de Sergipe. O problema posto diz respeito à possibilidade de se acessar a identidade de uma coletividade a partir de elementos constitutivos da economia local.

De ponto de vista metodológico, o artigo serve-se da história oral como método de pesquisa, tendo como substrato fundamental a entrevista realizada junto à consultora Betânia Souza<sup>1</sup>, que desenvolve um trabalho com os jovens do supracitado assentamento. A história oral possibilitou acessar informações sobre as experiências desenvolvidas pela consultora com os assentados e a importância dessas para o fortalecimento da identidade do assentamento e dos assentados, bem como acessar, de forma indireta, informações sobre a memória coletiva dos assentados na luta pela terra e na defesa do seu modo de organização e de ser comunidade.

Em complemento à entrevista de história oral, utilizou-se o levantamento bibliográfico, para fundamentação teórica do artigo, a observação direta e a coleta de dados de fontes secundárias acerca do assentamento e do trabalho nele desenvolvido, a partir de sites governamentais e institucionais, como o do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) do estado do Sergipe.

O artigo encontra-se dividido em seis partes: além da introdução e das considerações finais, a segunda e a terceira parte dedicam-se à fundamentação teórica e ao detalhamento da metodologia utilizada; a quarta seção traz informações sobre o assentamento e a quinta seção aborda os projetos desenvolvidos para a valorização do trabalho e da economia no assentamento, tendo como principal fonte a entrevista de história oral realizada com Betânia Souza.

Acredita-se que o artigo possa trazer contribuições de duas naturezas: primeiramente, para demonstrar a importância da história oral como método de pesquisa em história; segundo, para reafirmar a importância social dos assentamentos como

---

<sup>1</sup>A entrevistada autorizou a divulgação de seus dados pessoais e do teor da entrevista neste trabalho.

espaços alternativos de organização e resistência, sobretudo no atual contexto social brasileiro.

## A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA

Quando se fala em história, enquanto ramo do conhecimento científico, tradicionalmente remete-se à Grécia antiga, de onde, aliás, remonta a raiz etimológica da palavra. Le Goff (1994, p. 17) apresenta os elementos iniciais para a compreensão do vocábulo:

A palavra “história” [...] vem do grego antigo *historie*, em dialeto jônico. Esta forma derivada da raiz indo-europeia *wid-weid*, “ver”. Daí o sânscrito *vettas* “testemunha” e o grego *histor* “testemunha” no sentido de “aquele que vê”. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia que *histor* “aquele que vê” é também aquele que sabe; *historein* em grego antigo é “procurar saber”, “informar-se”. *Historie* significa, pois, “procurar”. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas Histórias, que são “investigações”, “procuras”.

Do ponto de vista do método, a história pode utilizar diversas abordagens para a reconstrução do passado. A historiografia pode se servir de diversas fontes de dados, como: documentos oficiais, objetos, entrevistas, reportagens etc. A par disso, a história oral possui uma abordagem e uma dinâmica próprias enquanto método de pesquisa em história.

A história oral caracteriza-se pela realização de entrevistas com pessoas capazes de testemunhar sobre acontecimentos, instituições ou modos de vida. Envolve, também, um conjunto de atividades prévias e posteriores à(s) entrevista(s), inclusive para a preparação do roteiro. Acerca da história oral, Alberti (2000, p. 12) explica que:

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca em boca. Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do povoado para geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos; todos, aos seus modos, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação “a real e secreta história da humanidade” é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros.

Trata-se de um método de pesquisa que exige a interação do pesquisador, cujo estímulo é feito pelas perguntas dirigidas ao entrevistado. É, portanto, um método de natureza biográfica, permitindo, através da memória do indivíduo, acessar informações sobre o modo como ele interpreta os acontecimentos históricos.

Sobre o porquê de se fazer história oral, em artigo dedicado à reflexão sobre os rumos da história oral no Brasil, Meihy (2006, p. 195) evoca os motivos originalmente apontados por Philippe Joutard: escutar a voz dos excluídos, trazer à luz as realidades indescritíveis e dar testemunho de situações de sofrimento extremo. O autor completa os motivos tradicionais com outros dois argumentos: (1) o de que história oral é, mais que entrevista, processo de transformação de realidades e (2) a qualificação do sujeito coletivo como motivo da história (MEIHY, 2006, p. 196-197).

Por sujeito coletivo entende-se não a mera soma das individualidades, mas a existência de uma identidade, com elementos históricos, culturais, linguísticos, políticos e sociais que geram a coesão do grupo ao ponto de torná-lo um sujeito.

Este método é especialmente útil para documentar contextos históricos onde são raras as referências tradicionais, como é o caso dos movimentos sociais e comunidades, onde, em regra, a documentação tradicional é mais escassa e a experiência do indivíduo é essencial para a compreensão do grupo. No dizer de Meihy (2006), a história oral deveria ser aplicada onde os documentos convencionais não atuam.

No caso em análise, a entrevistada não é integrante do assentamento, mas é uma participante direta que, em razão do seu trabalho de consultoria, possui informações que a credenciam como fonte fidedigna para acessar a história do grupo. Por isso mesmo, essa entrevista de história oral se inicia buscando delimitar a figura da entrevistada Betânia Souza, seu local de fala e sua relação com o grupo investigado:

Tão perdida quanto eles, quando eu falo pra todo mundo que a primeira reunião que teve aqui ninguém sabia o que “tava” fazendo aqui, inclusive eu, eles foram chamados porque vinha uma consultora do SEBRAE pra conversar com eles e eu vim pra cá pra descobrir o que é que eu poderia fazer por eles, mas também não sabia o que era, o fato é esse, “tava” todo mundo cego. (Betânia Souza, entrevista, 2019).

Ou seja, a entrevistada deixa claro que não era integrante do assentamento, mas que ali foi na condição de consultora do SEBRAE para realizar um trabalho com a

comunidade. A identificação da posição do entrevistado de história oral é importante inclusive para a percepção de eventuais limitações da pesquisa.

Quanto à forma de condução da entrevista, seguindo recomendação de Colognese e Mélo (1998, p. 145), adotou-se um modelo sem questões rigidamente pré-definidas, mas a utilização de estratégias de condução que privilegiassem a posição da informante. Ademais, segundo os referidos autores, como na escolha da pessoa informante para a entrevista de história oral é fundamental verificar a sua posição nas relações sociais investigadas, isso torna tal premissa mais relevante que a quantidade de entrevistas, de modo que optou-se, nesse caso, por uma entrevista individual (um único sujeito entrevistado), ao invés da entrevista grupal, embora o sujeito pesquisado seja coletivo.

Observe-se que a posição privilegiada nas relações sociais não diz necessariamente respeito à visibilidade social do agente (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 145). Neste caso, a posição privilegiada da entrevistada decorre do papel por ela exercido junto à comunidade e do fato de, em decorrência do seu trabalho, poder acessar integrantes da comunidade de diversas categorias de idade, gênero etc. Se, ao revés, a opção fosse pela realização de várias entrevistas com os assentados, o número de entrevistados e variedade de recortes utilizados precisaria ser alta para que as conclusões da pesquisa não fossem parciais.

Naturalmente, tal escolha metodológica possui limitações, na medida em que a entrevistada não integra o assentamento. Todavia, sua proximidade com os assentados lhe confere um lugar de fala privilegiado para tratar da comunidade.

## **MEMÓRIA SOCIAL E TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COLETIVA**

Embora o contexto tratado na entrevista de história oral que dá embasamento à pesquisa seja constituinte do que Meihy (2006) trata por “história do tempo presente” e que, portanto, subverte o princípio da História, ao partir do presente para o passado, ainda assim a entrevista serve-se primordialmente do elemento memória.

Não se trata, entretanto, aqui da memória em uma perspectiva individual, mas da memória coletiva, dita memória social. Segundo Le Goff (1994, p. 426): “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da

história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

Segundo Maurice Halbwachs, a memória sequer deve ser compreendida como exclusivamente individual, posto que ela apenas poderia ser reconstruída a partir do sentimento de pertença a um grupo:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Esses grupos são chamados por Halbwachs de *grupos de referência*, capazes de situar a memória em um quadro espaço-temporal. No caso da pesquisa em apreço, o grupo de referência é o Assentamento Florestan Fernandes. Vale lembrar que a entrevistada Betânia Souza não é uma assentada, mas uma partícipe direta, por meio do seu trabalho de consultoria.

Outro conceito importante para a pesquisa, no campo teórico da memória, é o de *memória enquadrada*, encontrado no pensamento de Michael Pollak (1989). Segundo o autor, existe um processo de enquadramento da memória, de modo a manter as “fronteiras daquilo que um grupo tem em comum”, possibilitando satisfazer “certas exigências de justificação” (POLLAK, 1989, p. 9).

A entrevista de história oral mostra como a entrevistada, talvez de modo intuitivo, recorreu à estratégia de enquadramento da memória para gerar uma identificação com o grupo de assentados:

Eu tenho um histórico de vida, parecido com o deles. No primeiro momento que eles me olharam com estranheza, eu tive que contar um pouquinho da minha história pra eles e dizer: Olha, eu vim desse mesmo lugar, vocês tão me vendo chegar aí com um carro na porta, mas eu fui um de vocês lá atrás, meu pai era um vaqueiro... E aí, eu acho que aí derrubou um murinho bom quando eu falei isso. Eu digo: gente, meu pai era um vaqueiro, não vim dum assentamento não, mas vim do mato, vim da roça, vim “dum” lugar seco de um interior brabo que não tinha nada e eu construí minha história. Não “tou” falando pra vocês que vocês vão fazer o impossível, não; estou falando pra vocês que vão fazer o que eu já fiz, o que várias outras pessoas já fizeram. Aí deu uma proximidade deles, uma identificação deles com a pessoa de Trabalho (Betânia Souza, entrevista, 2019).

A memória social, portanto, longe de uma característica individualista, é elemento fundamental na construção da identidade coletiva. Ora, o trabalho da entrevistada no assentamento consistia justamente numa busca pelo fortalecimento da identidade coletiva, de modo que o recurso à memória enquadrada se constituiu em estratégia acertada.

Acerca da identidade, tem-se que é apresentada: “como um conceito dinâmico, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro” (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p. 30). A identidade é, então, construída a partir das interações sociais. Para as concepções culturalistas, a cultura teria aspecto central na construção da subjetividade, de modo que, sendo a identidade múltipla, instável e dependente da adesão a grupos, é possível pensar uma identidade coletiva, antes de uma identidade como realização pessoal (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p. 31).

Dentre os diversos elementos de sociabilidade o trabalho ocupa um papel fundante, sendo importante, portanto, para a formação identitária do indivíduo e das coletividades.

No contexto contemporâneo, em que o trabalho deixou de ser visto como intermédio às necessidades imediatas de sobrevivência, passando a ser visto como totalmente investido de conotação econômica (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p. 33), alguns elementos aprofundam o seu processo de precarização, como a terceirização e o crescimento do desemprego. Nesse contexto, se impõe uma releitura do papel do trabalho na construção das identidades.

Em um assentamento, como é o caso da pesquisa, o Trabalho ocupa papel central na construção da identidade coletiva, o que é um dos aspectos explorados na entrevista de história oral. A análise de seu papel será retomada no tópico 5, em relação com a economia solidária.

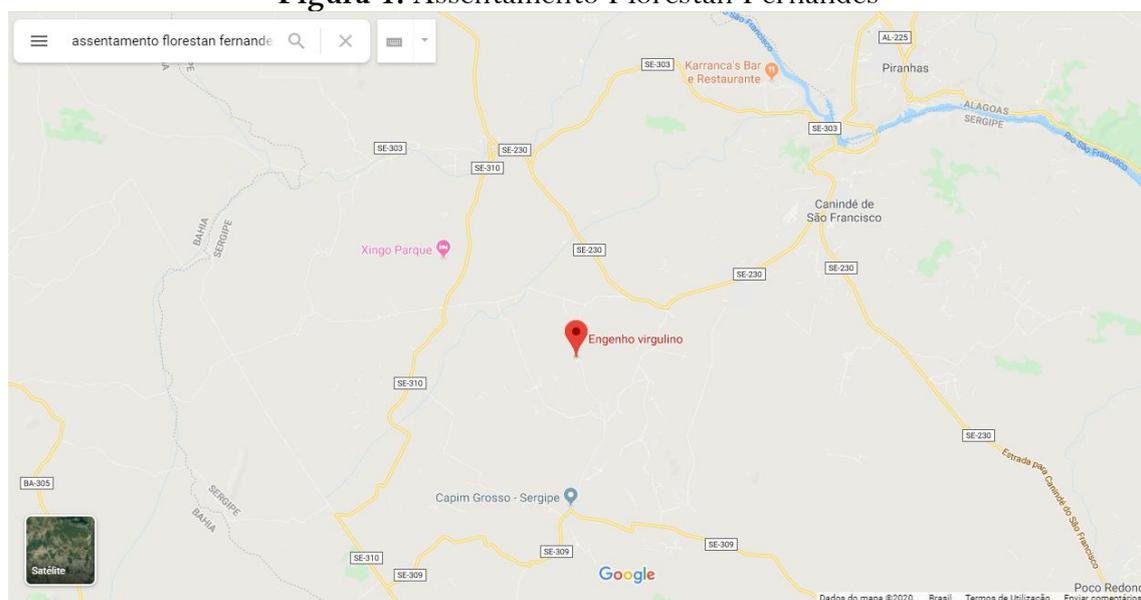
## O ASSENTAMENTO FLORESTAN FERNANDES

Dentre os elementos de identidade de uma coletividade encontra-se a sua localização espacial. Assentamentos rurais, mormente aqueles desprovidos de

regularização fundiária, costumam ser um não-lugar para os registros oficiais, não aparecendo em mapas ou outros documentos.

No caso do Assentamento Florestan Fernandes, sua busca no mecanismo Google Maps aponta para a Zona Rural do Município de Canindé de São Francisco/SE, próximo às fronteiras com os estados de Alagoas e Bahia.

**Figura 1.** Assentamento Florestan Fernandes



Fonte: Google Maps, 2020.

Na entrevista de história oral é possível captar a percepção espacial que há do lugar:

Tem... aqui, vejam só, a região de Canindé do São Francisco é apinhada de assentamentos; então assim, é uma realidade comum. [...] Então, Poço Redondo, Canindé do São Francisco... se você for olhar os registros do INCRA, vai ver que é uma região superlotada de assentamentos (Betânia Souza, entrevista, 2019).

Ou seja, o Assentamento Florestan Fernandes é um assentamento do sertão sergipano, na região do Canindé de São Francisco, e localizado numa zona entrecortada por vários outros assentamentos como Jacaré-Curituba, Mandacaru, Modelo, Florestan Fernandes, Cuiabá e João Pedro Teixeira, todos no alto sertão sergipano.

Mais que um lugar espacial, entretanto, o assentamento é um lugar simbólico, que tem um significado para os seus membros. A entrevistada posiciona esse lugar significativo, inclusive já contribuindo para a reconstrução da história do lugar:

[...] as pessoas lá de fora ainda não conseguem separar o que é uma invasão. Às pessoas que eu falo, nós do mundo lá fora, ainda não consegue separar o que é uma invasão, uma ocupação de um assentamento. Quando o menino fala: eu venho de um assentamento, muita gente pensa que ela está numa invasão de lona preta na beira da estrada. Isso cria um certo preconceito. Foi uma coisa que eu senti também. Eu sabia o que era, eu pesquisei a diferença do assentamento, já tinha uma pesquisa prévia quando eu cheguei aqui, mas eu percebi que nem eles tinham a dimensão da diferença, eles são muito jovens, quando eles... quando o assentamento foi implantado aqui, eles eram crianças pequenas, não tinham noção de nada, cresceram aqui como se aqui tivesse sido a casa deles a vida toda. Eles então começaram a ter noção da ideia de assentamento pra diferenciar de invasão, de ocupação, etc. (Betânia Souza, entrevista, 2019).

As características ambientais do sertão são um desafio cotidiano ao modo de vida da comunidade, como explica a entrevistada:

[...] nessas comunidades aqui, eu acho que eles se sentem muito impotentes diante do clima, dada a condição natural do ambiente, entendeu? Então, é... combater essa condição natural do ambiente, significaria ter água. Água é o principal, e não tem. [...] você tem o jacaré Pirituba que é um perímetro irrigado, fica aqui a pouquinhos quilômetros, é irrigado, mas aqui não é irrigado. Então assim, a água é um elemento limitante, sabe? Então, aqui eles não podem ter culturas, é... eles não podem ter o cultivo de determinadas coisas que precisam de muita água, por que não tem água... Não tem água. É a sobrevivência ao meio mesmo. (Betânia Souza, entrevista, 2019).

Como a entrevista de história oral iria revelar, a escassez de água, somada às condições climáticas da região, se constitui em um fator fundante no modo de organização do trabalho, gerando ciclos de sazonalidade no assentamento, que possibilitou que jovens e mulheres adquirissem certo protagonismo no espaço e na estruturação da identidade coletiva.

## TRABALHO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NA IDENTIDADE DO ASSENTAMENTO FLORESTAN FERNANDES

Considerando que o assentamento Florestan Fernandes fica localizado no sertão sergipano e que sofre com o problema da escassez de água, a entrevista de história oral aponta a ocorrência de um fenômeno de sazonalidade do trabalho: os homens adultos saem para trabalhar fora, sobretudo entre os meses de outubro e janeiro, e retornam por volta de abril, quando começa a temporada das chuvas, época em que fazem o tratamento do solo para plantar feijão, milho e outros itens da agricultura de subsistência, permanecendo até julho, agosto ou, quando o ano é bom, até setembro.

A lavoura é, portanto, basicamente de subsistência e com uso incipiente de tecnologia agrícola. A entrevistada registra, ainda, que já houve no local uma unidade produtiva de beneficiamento de leite, que não existe mais.

As características apontadas fazem com que haja uma presença predominante de crianças, jovens, mulheres e idosos no assentamento, fazendo com que, inclusive, os mais jovens assumam papéis na organização do trabalho, auxiliando em casa. Tais características atraíram a atenção de uma organização não-governamental que por seu turno acionou o SEBRAE para prestar auxílio na região, conduzindo ao trabalho desenvolvido pela entrevistada:

Na verdade, a gente chegou aqui porque a líder da SASAC<sup>3</sup>, que é a sociedade da ONG<sup>3</sup> que ajudou aqui na construção das barragens, que fez um trabalho de educação ambiental, essa ONG detectou a presença desses jovens e o envolvimento muito forte deles nas atividades que eram dos adultos. Eles notaram que os jovens se envolveram e perceberam a vontade que eles tinham de fazer alguma coisa; e foi esse pessoal, dessa ong, que foi à procura do SEBRAE, para ver o que o SEBRAE podia fazer pelos jovens aqui. Por que a ONG? Porque eles não tinham acesso a gente, os jovens eles não tinham como sair daqui. Ou a gente vinha até eles ou eles não tinham como chegar até nós. Mas a gente veio já com um foco, mais ou menos com um diagnóstico prévio. Não veio: Ei, quem quer participar? A gente já veio sabendo que eles tinham um interesse. (Betânia Souza, entrevista, 2019).

A entrevistada sinaliza que a ideia inicial era desenvolver projetos para que a comunidade tivesse uma alternativa sustentável de renda, sem precisar sair dali. O percurso formativo da entrevistada, com múltiplas habilidades e conhecimentos

<sup>3</sup> Sociedade de Apoio Sócio Ambientalista e Cultural, maiores informações podem ser obtidas junto ao site <https://www.sasacong.com.br/>

<sup>4</sup> Sigla usualmente aplicada a Organização não governamental.

envolvidos, o qual é revelado na entrevista, é fundamental para explorar as possibilidades de atuação com os assentados. A mesma, jornalista de formação, além de uma habilitação técnica em edificações, desenvolve projetos ligados ao setor turístico, na formação de redes criativas e na área de cultura.

Os projetos de economia solidária desenvolvidos se iniciaram com a realização de oficinas com os jovens, em que eles foram estimulados a desenvolver o protagonismo de suas histórias:

[...] quando a gente chegou aqui, os meninos... eu falava: cada um levante e diga seu nome, o que é que você faz, o que é que você estuda e sua expectativa em relação ao que a gente vai fazer hoje. Era a maior dificuldade... assim, eu passava 5 minutos pra fazer um menino se levantar pra dizer isso e eu filmava tudo. Eu tenho todas as filmagens, a gente vai percebendo a evolução, eu acho que os pais começaram a perceber que eles foram se tornando mais autônomos, que eles foram despertando pra outros interesses, inclusive produtivos; começaram a fazer artesanato, outras coisas... (Betânia Souza, entrevista, 2019).

As atividades desenvolvidas no projeto, apesar de ainda não trazerem grande retorno econômico, passam a se incorporar à formação identitária dos assentados e do assentamento, como um todo, gerando uma mudança de postura dos envolvidos. Na entrevista, a consultora aponta alguns casos concretos, envolvendo jovens da comunidade:

Hoje eu vejo que eles, por conta dessas atividades que a prática mostra que tem retorno, eles já têm uma visão diferenciada. Então, por exemplo, a Lanara, essa dos cachinhos que teve aqui, ela vai tirar carteira de artesã no mês que vem... ela "tá" até treinando os desenhos porque pra você tirar carteira de artesão você tem que ir lá no Mat, fazer uma prova de sua habilidade na frente de dois avaliadores, é um negócio sério... Ela começou fazendo os desenhos, os colarzinhos, com fibras, com coisas encontradas aqui na natureza, porque não tem dinheiro pra comprar matéria-prima pra fazer outras coisas, e ele já percebeu que existe um retorno... que os colares dela estão sendo vendidos; ela já comprou agora a linha, com dinheiro da venda dos colares; ela comprou linha pra fazer os próximos... ela está se especializando mais nos desenhos pra fazer a prova, pra se tornar artesã, porque com a carteirinha de artesã ela pode participar de várias feiras de artesanato, que esse é o documento exigido, você percebe essa perspectiva já. O Geovânio "tá" se formando em técnico agrícola, até o trabalho de finalização do curso dele, ele "tá" verificando isso aqui. Ele começou a pensar na atuação junto aos produtores rurais de pequeno porte como técnico, depois daqui ele começou a despertar. Existe toda essa perspectiva de que com o incentivo maior, ao turismo, nessa região, que as trilhas sejam enxergadas e se tornem realmente... elas façam parte do calendário daqui, dos roteiros daqui. Então, existe toda essa perspectiva. (Betânia Souza, entrevista, 2019).

Esse processo formativo, com o fortalecimento da autonomia e do protagonismo, por meio de iniciativas de economia criativa e solidária, vem fortalecendo a identidade coletiva do grupo. A entrevistada relata que pediu aos jovens para que pesquisassem a história do assentamento, do como os pais e avós haviam ali chegado e lutado para instalar o assentamento e de como eles vêm se fortalecendo em tal posição.

Há registro, ademais, de atração da atenção de agentes políticos e empresários para o potencial da região, mas sem perder de vista a necessidade de os assentados serem protagonistas da própria história.

Ao final, é possível observar o relato da entrevistada, em relação à sua atuação com o grupo, de que se sente como quem plantou e regou pequenos cactos e agora os vê verdes e florindo.

Por óbvio, as impressões transcritas são fruto da percepção da entrevistada, a qual, a despeito das limitações fatuais decorrentes do não pertencimento à comunidade analisada, possui, como dito, lugar privilegiado no plano das relações sociais do assentamento, o que valoriza o seu relato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um pequeno cacto que, em meio à aridez, consegue crescer e florir, tal qual a flor de mandacaru, é a melhor metáfora possível para registrar o crescente protagonismo desenvolvido pelos sujeitos do Assentamento Florestan Fernandes.

A história do assentamento, com suas nuances e impactos na formação identitária coletiva, não poderia ser contada se não fosse pela via da história oral. Sua história não está documentada em livros e malmente pode ser percebida nos registros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Somente a pesquisa com uso da história oral poderia alcançar esta realidade histórica.

A história oral, como dito na segunda seção do trabalho, parte do presente para o passado. Nesse processo, serve-se da memória que, no caso, não é individual, mas coletiva, social. A memória coletiva do assentamento é acessada, pela via indireta, através da entrevista com a consultora que, apesar de não integrar a coletividade, interage diretamente com ela por meio da sua atuação profissional.

A principal conclusão é que, a partir do processo de desenvolvimento de habilidades dos jovens assentados, por meio de experiências de economia criativa e solidária, a sua identidade é fortalecida, bem como o seu sentimento de pertença ao grupo, inculcando-lhes o senso de que são protagonistas da sua própria história.

Ademais, é possível perceber, a partir dos relatos, que o trabalho, enquanto elemento constitutivo da economia local, constitui importante categoria de interpretação para a compreensão da identidade de uma coletividade, como ocorre no caso do Assentamento Florestan Fernandes.

## REFERÊNCIAS

1. ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGT, 2008.
2. COLOGNESE, Sílvio Antônio.; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, 1998, v. 9, p. 143 – 159.
3. COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e sociedade**. n. 17, 2007, p. 29-37.
4. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.
5. INCRA- SERGIPE, **Desenvolvimento Territorial no Alto Sertão Sergipano: diagnóstico, assentamentos de reforma agrária e propostas de política**. Disponível em: <[http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs\\_territorio008.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_territorio008.pdf)>. Acesso em 14. de mar de 2020.
6. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
7. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**. n. 155, v.2, 2006, p. 191-203.
8. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.